

O ICÔNICO SHEKOS BAR



A simbologia que apresenta como ícone o Shekos Bar em São José do Egito (PE) possui uma historicidade pelos aspectos culturais, sociais e políticos. Nos anos de 1970 para 1980, o referido espaço agregava dois tipos de comércios e de

encontros sociais. O espaço do lado direito era onde seu Aprigio (pai de Shekos) batia as fotos, e no mesmo lugar, localizado nos fundos do Studio, ele fazia o trabalho de revelação e edição das fotos. O *Studio de Fotografias* não se resumia somente as atividades técnicas/artísticas. Conversar com seu Aprigio era o que de melhor tinha. Ouvir as histórias de caçadas dos animais da caatinga se constituía o apogeu da dialética do “batedor de chapas” (fotógrafo no dito popular do sertão) e aventureiro das barrancas do rio Pajeú para matar rolinhas, juritis, nambus, preás, entre outros animais da fauna sertaneja.

Numa das suas conversas, certa dita ele afirmou que seguindo em direção ao Monte (onde tem uma igrejinha no topo) nas imediações tinha uma propriedade cheia de serrotes, seu Aprigio viu dois vultos pretos; não teve dúvidas, era um casal de preás. Engatilhou sua espingarda de cartucho e disparou um tiro certo. Ao seu aproximar para pegar o casal de preás, viu que se tratava duas velhas botinas pretas que alguém teria jogado ao lado de uma moita.

Seu Aprigio era o homem da dialética, muito comum a certos tipos de sertanejos. Além de falar das mais curiosas caçadas de caatinga adentro, ele adorava mostrar seu arsenal bélico¹ que possuía para cada tipo de caça. Explicava detalhadamente de como usava e as funções que cada arma desempenhava de acordo com a situação e tamanho dos animais. Além do mais, ele gostava de mostrar os instrumentos de garimpo, quando em uma determinada época da sua vida bateu a terra em busca de ouro numa região entre São José do Egito, Itapetim e Brejinho. Seu Aprigio dialogava sobre todos assuntos e sempre se apresentava como conhecedor de fatos históricos, políticos e sociais, tanto da região do Pajeú como do Brasil e do Mundo.

Do lado esquerdo do prédio (com um andar a cima onde a família morava) ficava localizada a lanchonete de dona Salomé, esposa de seu Aprigio. Calma, serena e sempre de bom humor, dona Salomé vendia salgados, refrigerantes, doces, pipocas, sucos, café, entre outros alimentos e bebidas que compõem uma lanchonete dos idos anos de 1980, do século passado. O local era um ponto de encontros onde as pessoas conversavam sobre assuntos diversos da região do Pajeú, de Pernambuco, do Brasil e do mundo. Além do mais, a lanchonete servia de apoio para as pessoas que vinham da região do distrito de Bonfim para

¹ Se não me engano, uma espingarda de calibre 32 e uma de 36 calibre

resolverem assuntos pessoais, comprar produtos industriais na cidade e retornarem na caminhoneta de Severino Pequeno.

Com o passar dos tempos (não sei exatamente a data) Shekos foi transformando a lanchonete em um bar. A fotografia começou a ter mudanças no que envolve todo contexto fotográfico, e seu Aprigio, aos poucos foi abandonando a arte de fotografar. Ne fluxo da retirada dos pais de cena no comércio que cada um exercia, Shekos foi aprofundando o sentido de ser o espaço fixado somente nos aspectos de um bar.

Seu Aprigio, embora não mais exercendo a profissão de fotógrafo, continuava sendo uma presença constante para falar do que foi citado antes e das suas viagens para outros lugares. Seus “causos” sempre causavam espantos e sorrisos às pessoas que estavam presentes. No lado que era a lanchonete, dona Salomé ficava sentada em uma cadeira ouvindo as conversas e vendo Shekos na dinâmica do bar, atento para servir a toda clientela constituída das mais diversas pessoas da cidade e da região.

Na cena do bar, Shekos é a pessoa mais importante no que constitui seu comércio etílico e dos tira-gostos variados, entre eles a pipoca “Kero Kero” (rs). Chamado por muitos de “judeu”, devido saber fazer do local um comércio com foco no lucro capital, Shekos além de saber atender a clientela, é a representação mais firme da esquerda política em São José do Egito. Os assuntos sobre política pegam fogo no seu ambiente de boemia, e algumas vezes, no transcorrer da história do bar aconteceram brigas entre candidatos a algum cargo político e entre os entusiasmados e fanáticos por políticos da cidade.

Herdando os aspectos da dialética do pai, Shekos investe suas falas nos mais diversos assuntos e não recua suas posições e opiniões, caso seja confrontado. Como comerciante, apelidado de “judeu”, ele não perde um vintém, e alguns clientes revoltados com a conta dizem: “*Isso é um judeu ladrão*”. Na época em que dona Salomé estava viva, ela dizia: *Spi mermo se Francisquinho² é imbicioço*! No jogo de cintura comercial, Shekos anota todos os pedidos num pedaço grande de papel ou numa caderneta, colocando o que o cliente pediu (não anota por mesa), o dia e o horário da conta, para depois ter argumentos quando o cliente contestar.

² Francisco, nome de batismo de Shekos

A cerveja é sempre servida extremamente gelada, capa branca. E os tiragostos, principalmente a tilápia é de um sabor inconfundível, assada pelo excelente cozinheiro do bar, Sé (Sevenildo, sobrinho de Shekos), uma pessoa do mais bom astral de São José do Egito. Shekos costuma dizer que vem muita gente de Mato Grosso, de Goiás e da Amazônia para comer o melhor peixe da água doce do Brasil. Quando os clientes começam a aperrear Shekos dizendo que são roubados e que dão lucros demais, o comerciante “judeu” diz: *“eu não preciso desse bar, faço ele funcionar para vocês se divertirem”*.

Contam as más línguas que certa vez seu Manuel Padilha (da farmácia) entrou no bar durante a semana para tomar uma água mineral, e ao perceber que o local estava sem movimento de fregueses, chamou Shekos para tomar uma garrafa de bebida na casa dele (quase vizinha do bar). Shekos levou um litro de whisky. Depois de beberem todo o litro, ao retornar ao bar, Shekos botou na conta de seu Manuel, 01 litro de whisky, 05 águas de coco e 02 dois almoços.

Causos folclórico sobre Shekos fazem parte da dinâmica do bar e do próprio personagem icônico de um lugar que tem resistido ao tempo, numa época de tantas coisas passageiras. Muitos clientes sob o domínio de vício etílico partiram antes do combinado, deixando nas paredes, nas mesas, nas cadeiras, sorrisos, falas e lembranças das suas presenças em tempos idos. Contudo, o bar continua na sua efervescência dos que vão matar a sede na cerveja ou aguentarem o grau da aguardente Pitú.

Durante seus 42 anos o Shekos Bar recebeu e tem recebido todo tipo de pessoas; entre elas, pessoas comuns, comerciantes, empresários, profissionais liberais, professores (as), bancários, médicos, dentistas, políticos da micro região do Pajeú e do cariri paraibano, artistas locais e de outros estados, políticos de diversos partidos, desde os locais, estaduais e de outros estados da federação. Enfim, é impossível destacar quem já passou pelo Shekos Bar.

Para atender a clientela que não se rende ao final de semana de farra, na segunda-feira, o sorridente Sé abre o bar. Quando está entre 10:00 e 11:00 horas os clientes começam a chegar pautados de uma expectativa ansiosa para Sé abrir o bar logo. Ao subir da porta de flandres, a alegria toma conta da clientela, e então, de meio-dia para frente a farra se estende até o começo da noite.

Como Shekos possui uma dinâmica incansável para ter o que é possível no seu bar, para deixar a clientela satisfeita, em uma certa época ele comprou um

forno micro-ondas para assar pizza. Dona Salomé não conhecia tal aparelho elétrico doméstico, e vendo Shekos botando e tirando pizza no micro-onda, caladinha, subiu os degraus rumo ao aposento, e ao chegar, encontrou seu Aprigio acordado e foi logo dizendo: “*Aprigio, Francisquinho endoideceu, depois tá fazendo malassada (panqueca) numa televisão.*”

O bar não se resume somente ao espaço físico do ambiente comercial. Nos dias de sexta-feira até domingo são disponibilizadas várias mesas com cadeiras e os garçons para atenderem a clientela exterior. Destaco Xuxo, garçom simpático e eficiente. Contudo, dentro do bar, em pé, escorado no balcão ou nas poucas mesas com cadeiras ficam os clientes mais ávidos em provocarem Shekos no assunto política. Sem tirar os ouvidos da atenção dos pedidos, de anotar os nomes das pessoas que solicitaram algum tipo de bebida e tira-gosto, Shekos não se cala diante das provocações quando se trata de assunto político.

Na parede do seu bar tem uma enorme fotografia de Shekos com o petista José Dirceu mostrando que Francisquinho é um PT raiz. O mais curioso é que embora apelidado de “judeu”, o filho da pacata dona Salomé se parece muito com um árabe. Nesse sentido, o apelido de Judeu se estendeu para Bin Laden, guerrilheiro saudita que comandou o ataque terrorista aos Estados Unidos da América. Dentro do bar, em frete para quem entra, tem uma enorme foto de Shekos vestido de árabe, mostrando a semelhança com o responsável pela queda das três torres gêmeas dos USA. O apelido Bin Laden e a semelhança renderam a curiosidade da mídia em que uma determinada tv ou canal de uma plataforma digital, administrada pelo “jornalismo” local esteve no bar para filmar e entrevistar Shekos.

Além dos encontros sociais, dos debates e confrontos políticos, durante um certo tempo o bar era local de encontro diário dos poetas repentistas Lourival Batista, seu concunhado poeta Jó Patriota e o cantor, poeta e compositor Zeto. A presença desses ilustres representantes da poética de São José do Egito foi uma espécie de diário da estética literária e de uma educação da sensibilidade para as pessoas que estavam presentes.

Com a chegada do recurso de mega sons nos carros, as pessoas desprovidas de educação começaram levar seus automóveis para os bares a abrirem todo volume, poluindo o ambiente com o pior lixo musical já produzido no Brasil. O Bar Shekos não poderia ficar fora dessa dinâmica truculenta da imposição do

barulho e da ofensa aos que tem educação musical. Por causa disso, nos sábados a tarde, e principalmente nos domingos, no Bar Shekos acontece um barulho horrível de vários carros usando altos volumes. Além disso, tem as chamadas caixas de som ambulantes da marca JBL. Eu, particularmente, corro ou não passo perto quando o ambiente do bar de Shekos está na lógica do barulho. No entanto, na segunda-feira, dia de tirar a ressaca, na quinta-feira e sexta-feira à noite é possível encontrar alguém com que possa conversar, lembrar o passado e botar as conversas em dia.

Quem for ao Pajeú e não frequentar (nem que seja por um breve instante) o bar de Shekos, voltará sem ter conhecido o “caldeirão” de São José do Egito... lugar de confronto político, de bêbados chatos, de amigos e amigas da infância distante, do barulho de músicas horríveis, de namoros que começam e também terminam, da cerveja estupidamente gelada, de pessoas que pensam que são ricas, de outras, que nunca tenha lido a “orelha” de livro, mas imaginam que são intelectuais, de algumas pessoas que tem leituras e são de boa conversa, de gente simples, dos tira-gostos de tilápia, bisteca de porco, arrumadinho... E claro, da presença de Shekos, que mesmo tendo tido tantos problemas de saúde, continua firme e atendo, para com seu sobrinho, o *alma maneira Sé*, atenderem a todas as pessoas nos mais diversos pedidos, estados de humor ou de embriaguez.

Gilmar Leite

01/04/2026

João Pessoa, PB